



# A concepção de homem em Marx e Engels e o programa socialista do século XXI

Marisa Bittar  
Amarílio Ferreira Junior<sup>1</sup>

Vivemos a passagem do século XX para o XXI em meio à crise provocada pelo fim do “socialismo real”, que desencadeou uma onda de ataques aos “velhos esquemas interpretativos” valorizando o fragmentário, o efêmero e o imaginário, bem como propagando a “morte do marxismo”. Presenciamos o reduzido valor dos “produtos” marxistas no “mercado de bens simbólicos”, fartamente alimentado pelos “novos paradigmas”. Ao mesmo tempo, em nossa prática acadêmica como professores universitários, ouvimos críticas que revelavam desconhecimento da obra de Marx e Engels, entre elas, por exemplo, a de que o marxismo seria anti-humanista por haver substituído o homem por forças produtivas e relações de produção.

Para enfrentar essas questões teóricas, aprofundamos o estudo do marxismo e passamos a oferecer um curso anual possibilitando a leitura e o debate entre estudantes da pós-graduação, para os quais, na quase totalidade, foi a primeira oportunidade de ler um texto original dos dois pensadores.

O trabalho que ora apresentamos é resultado dessas reflexões e com ele desejamos discutir o conceito de homem em Marx e Engels demonstrando exatamente o contrário daquelas críticas. Iniciamos com a indagação: neste começo de século em que se fala tanto da redescoberta do valor do indivíduo, há algo mais atual do que o lugar que Marx reservou para o indivíduo na sua concepção de emancipação huma-

-----  
<sup>1</sup> Professores da Universidade Federal de São Carlos. Doutores em História Social (USP).

na? Foi com Marx que aprendemos que o capitalismo é um sistema no qual o processo de produção domina os homens e não os homens o processo. O humanismo de Marx em *O Capital* não é um simples protesto moral: ele rasga o véu mítico da reificação, decifra o “hieróglifo” do valor, apreende a realidade social (humana) oculta pela opacidade do mercado. Nessa obra em que dissecou o processo de degradação física e intelectual dos trabalhadores, o capítulo sobre o fetichismo é a chave para a compreensão do seu humanismo. Mas será que os “novos críticos” a leram?

Quanto ao conceito de homem, remetemo-nos aqui aos textos que melhor expressam os princípios que guiam a antropologia e também a pedagogia de Marx: a) o papel central e dialético do trabalho; b) a idéia de homem omnilateral (na qual harmoniza “tempo de trabalho” e “tempo livre”). Para Marx e Engels, não é possível falar de educação sem referir-se à realidade sócio-econômica e à luta de classes que a caracteriza e sustenta. Desse modo, a educação perde todo o aspecto idealista e neutro, bem como rejeita toda reminiscência romântica anti-industrial. Esse modelo interpretativo introduziu duas propostas consideradas revolucionárias: a) a referência ao trabalho produtivo, que se punha em contraste com toda uma tradição educativa intelectualista e espiritualista; b) a afirmação de uma constante relação entre educação e sociedade.

No conjunto das obras de Marx e Engels esses textos apresentam com coerência, num intervalo de trinta anos, as suas idéias sobre a formação do homem, que coincidem com a história do movimento operário. Isto ocorre na redação de três programas políticos: a) para o primeiro movimento histórico que assume o nome de Partido Comunista (1847-1848); b) para a primeira Associação Internacional dos Trabalhadores (1866); c) para o primeiro Partido Unitário Operário na Alemanha (1875). Neste trabalho apenas esboçaremos seus traços principais.

Já em 1848, no *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels propuseram a escola politécnica:

Educação pública e gratuita de todas as crianças, abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material, etc <sup>2</sup>.

2 Karl Marx; Friederich Engels. “Manifesto do Partido Comunista”. In: Karl Marx; Friederich Engels. *Obras escolhidas*. Tradução Álvaro Pina. Lisboa, Editorial “Avante!”/Moscou: Edições Progresso, 1982, t. I, p. 125.

Vê-se que desde o início de sua formulação, o marxismo tem como princípio o papel do trabalho na transformação social e pleno desenvolvimento humano. Mais de uma vez Marx chamou a atenção para este aspecto essencial de sua filosofia, como na crítica que fez, em 1875, ao Programa de Gotha, abordando a questão da seguinte maneira: “O parágrafo sobre as escolas deveria exigir, pelo menos, escolas técnicas (teóricas e práticas), combinadas com a escola primária”<sup>3</sup>.

Ainda na *Crítica ao Programa de Gotha*, posiciona-se contrário a uma “educação popular a cargo do Estado” afirmando:

Isso de educação popular a cargo do Estado é completamente inadmissível. Uma coisa é determinar, por meio de uma lei geral, os recursos para as escolas públicas, as condições de capacitação do pessoal docente, as matérias de ensino, etc, e velar pelo cumprimento destas prescrições legais mediante inspetores (...) outra coisa completamente diferente é designar o Estado como educador do povo! Longe disto, o que deve ser feito é subtrair a escola a toda influência por parte do governo e da Igreja (...)<sup>4</sup>.

Aqui fica evidente a distinção entre o Estado garantir o funcionamento das escolas e o Estado ser o educador, além da emancipação simultânea do homem frente à Igreja e ao Estado. Tese mais do que atual!

Já nas *Instruções* aos delegados do primeiro Congresso da Associação Internacional de Trabalhadores (Genebra, 1866), além de reafirmar que todo adulto deve trabalhar tanto com o cérebro como com as mãos, explicitam que “por ensino compreendemos três coisas”<sup>5</sup>: ensino intelectual; físico; e tecnológico.

No primeiro volume de *O Capital* Marx analisa a legislação inglesa sobre o ensino junto das fábricas que previam o ensino elementar como condição obrigatória para a utilização do trabalho das crianças e afirma que do sistema da fábrica

(...) nasceu o germe da educação do futuro, que unirá para todas as crianças,

-----

3 Karl Marx. “Crítica do Programa de Gotha”. In: Karl Marx; Friederich Engels. *Obras escolhidas*, op. cit., t. III, p. 27.

4 Idem, p. 27.

5 Karl Marx. “Instruções para os delegados do Conselho Geral Provisório. As diferentes questões”. Karl Marx; Friederich Engels. *Obras escolhidas*. op. cit., t. II, pp. 83-84.

a partir de uma certa idade, o trabalho produtivo com o ensino e a ginástica, não só como método para aumentar a produção social, mas também como método único para produzir homens plenamente desenvolvidos<sup>6</sup>.

O ensino do futuro (socialismo) só pode ser colocado em prática com a conquista do poder político pelos trabalhadores, como se lê:

Se a legislação sobre as fábricas, que constitui a primeira concessão arrancada com grande esforço ao capital, combina unicamente o ensino elementar com o trabalho de fábrica, não há dúvida que a inevitável conquista do poder político pela classe trabalhadora trará a adoção do ensino tecnológico, teórico e prático, nas escolas dos trabalhadores<sup>7</sup>.

Ainda em *O Capital*, enfatiza a idéia sobre a superação da unilateralização do homem pela omnilateralização mostrando que a propriedade privada tornou o homem obtuso e unilateral. A divisão do trabalho cria unilateralidade e sob esse signo, precisamente, colocam-se todas as determinações negativas, do mesmo modo que sob o signo oposto da omnilateralidade, colocam-se todas as perspectivas de humanização.

Mas que sentido tem a omnilateralidade em Marx e Engels?

O conceito, como não poderia deixar de ser, está ligado ao de trabalho, que é uma das categorias fundamentais do marxismo ocupando, por conseguinte, lugar central na proposta pedagógica marxiana. Distintamente da concepção hegeliana, Marx não vê o trabalho apenas pelo seu aspecto positivo. Hegel, escreve ele nos *Manuscritos de 1844*, “se coloca no ponto de vista da economia política moderna. Concebe o trabalho como a essência do homem, que se afirma a si mesma: ele só vê o lado positivo do trabalho, não seu lado negativo”<sup>8</sup>. Sendo a essência subjetiva da propriedade privada no capitalismo, aparece ao trabalhador como propriedade de outro, alheia a ele. Na obra citada, Marx chama a atenção para o problema da relação do trabalhador com a

6 Karl Marx. *O capital: crítica da economia política. Livro primeiro: o processo de produção do capital*. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 554.

7 Idem, p. 559.

8 Karl Marx. “Manuscritos econômico-filosóficos”. In: Karl Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Tradução: José Carlos Bruni et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 38 (Coleção Os Pensadores).

produção assinalando que a alienação não consiste apenas na sua relação com os produtos de seu trabalho, mas também no próprio ato da produção concluindo, afinal, que o trabalho é o homem que se perdeu a si mesmo, tal como escreveu:

Hasta ahora hemos considerado la alienación, el desapropiamento del obrero, sólo bajo un aspecto, el de su relación con los productos de su trabajo. Pero la alienación aparece no sólo en el resultado, sino también en el acto de la producción, en el interior de la actividad productiva misma. (...) Ahora bien, en qué consiste la alienación del trabajo? Ante todo, en el hecho de que el trabajo es exterior al obrero, es decir, que no pertenece a su ser; que, en consecuencia, el obrero no se afirma en su trabajo, sino que se niega; no se siente cómodo, sino desventurado; no despliega una libre actividad física e intelectual, sino que martiriza su cuerpo u arruina su espíritu. En consecuencia, el obrero sólo tiene la sensación de estar consigo mismo cuando está fuera de su trabajo y, cuando está en su trabajo, se siente fuera de sí. Está como in su casa cuando no trabaja; cuando trabaja, no se siente en su casa. Su trabajo no es, pues, voluntario, sino impuesto; es trabajo forzado (...) Por último, el carácter exterior del trabajo con respecto al obrero aparece en el hecho de que no es un bien propio de este, sino un bien de otro; que no pertenece al obrero; que en el trabajo el obrero no se pertenece a sí mismo, sino que pertenece a otro. Así como en la religión la actividad propia de la imaginación humana –de cerebro humano y del corazón humano – actúa sobre el individuo independientemente de él, así también la actividad del obrero no es su actividad propia. Pertenece a otro; es la pérdida de sí mismo<sup>9</sup>.

Assim, o processo de alienação do homem tem origem na divisão do trabalho e todo homem submetido a esta divisão passa a ser um homem unilateral e incompleto. A unilateralidade é, pois, o aspecto negativo do conceito de trabalho em Marx e Engels.

Por outro lado, mostram que sem o trabalho, que é parte histórica da atividade humana, a própria vida não existiria. Marx interroga-se nos *Manuscritos* “o que é vida, senão atividade?”<sup>10</sup> E conclui que para poder “fazer história” os homens devem estar

9 Carlos Marx. “Primer manuscrito”. In: Carlos Marx. *Manuscritos de 1844: economía, política y filosofía*. Buenos Aires, Editorial Polemica, 1972. pp. 104-105.

10 Carlos Marx. “Primer manuscrito”. In: Carlos Marx. *Manuscritos de 1844...*, op. cit., pp. 106-107.

em condições de viver e que, por conseguinte, a primeira ação histórica foi a criação dos meios para satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material. Sobre esta base, lê-se em *A ideologia alemã* que:

Pode se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a *produção* dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material<sup>11</sup>.

E só depois de ter constatado a multiplicação das necessidades sobre aquela primeira base produtiva, a reprodução dos homens, a sua organização social na produção, se constata que:

o homem possui também uma consciência; mas não se trata de uma consciência que seja de antemão consciência 'pura' (...). A consciência só surge com a necessidade, as exigências dos contactos com outros homens. Onde existe uma relação, ela existe para mim. O animal não se encontra em relação com coisa alguma, não conhece de facto qualquer relação; para o animal, as relações com os outros não existem enquanto relações. A consciência é pois um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens<sup>12</sup>.

O homem, portanto, atua voluntária e conscientemente e este carácter voluntário e universal da atividade humana contrapõe ao domínio da naturalidade e da casualidade e assim o homem não domina, mas é dominado, não é indivíduo total, mas membro unilateral de uma determinada esfera e vive, numa palavra, no reino da necessidade e não no da liberdade.

Marx e Engels mostram que no capitalismo o trabalho perdeu toda a aparência de manifestação pessoal. Portanto, só ao apropriar-se da totalidade dos instrumentos de produção se pode chegar à manifestação pessoal, ou seja, "unicamente neste estágio a

- - - - -

11 Karl Marx; Friedrich Engels. *A ideologia alemã*. Tradução Conceição Jardim et al. Lisboa, Editorial Presença/São Paulo: Martins Fontes, 1980. v. I, p. 19.

12 Idem, pp. 35-36.

manifestação pessoal coincide com a vida material, a qual corresponde à transformação dos indivíduos em indivíduos completos”<sup>13</sup>.

Chegamos aqui a um ponto fundamental: as perspectivas de desenvolvimento do homem omnilateral efetivam-se, precisamente, sobre a base do trabalho, isto é, na possibilidade da abolição da exploração do trabalho, da divisão do trabalho e da sociedade de classes e do fim da divisão do homem, dado que isso acontece unicamente quando se apresenta como divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Pois, as duas imagens do homem dividido, cada uma delas unilateral, são essencialmente a do trabalhador manual e a do intelectual.

A *ideologia alemã* é a chave para compreendermos o sentido da omnilateralidade em Marx e Engels pois estão ali os elementos para a reflexão sobre a petrificação do nosso próprio trabalho num poder objetivo que nos domina e escapa ao nosso controle contrariando a nossa expectativa. Segundo eles, desde o momento em que o trabalho começa a ser repartido cada indivíduo tem uma esfera de atividade exclusiva que lhe é imposta e da qual não pode sair sob pena de perder seus meios de subsistência. A aceção negativa do trabalho aparece aqui, como, aliás, já estava claramente delineada nos *Manuscritos de 1844*, em que Marx mostrou o trabalhador física e mentalmente rebaixado a uma máquina, tornado pela divisão do trabalho cada vez mais unilateral e dependente, considerado pela economia política como um animal reduzido às mais estritas necessidades corporais. Todo o capítulo sobre o *Trabalho Alienado* é uma denúncia dessa condição do operário. Nele, Marx escreve:

Ciertamente, el trabajo produce maravillas para los ricos, pero para el obrero produce privaciones. Produce palacios, pero tugurios para el obrero. Produce belleza, pero deformidad para el obrero. Reemplaza el trabajo por máquinas, pero arroja a una parte de los obreros a un trabajo de bárbaros, y con la otra parte hace máquinas. Produce espiritualidad, pero también imbecilidad y cretinismo para el obrero<sup>14</sup>.

Percebe-se, ao longo dessas obras, a caracterização negativa, quer do trabalha-

13 *Idem*, p, 93.

14 Carlos Marx. Primer manuscrito. In: Carlos Marx. *Manuscritos de 1844: economía, política y filosofía*, op. cit., p. 103.

— | | —

dor alienado, quer do capitalista, produtos contraditórios da mesma sociedade contraditória e a caracterização apenas parcialmente positiva de alguns aspectos de um ou de outro perfil. Como interpretou Manacorda, “talvez se possa dizer, parafraseando o discurso de Marx sobre o que é o trabalho segundo a realidade e segundo a possibilidade, que o trabalhador é, segundo a realidade, unilateral, e, segundo a possibilidade, omnilateral”<sup>15</sup>.

Marx assinala que a propriedade privada tornou-nos obtusos e unilaterais. São freqüentes, também, as caracterizações da unilateralidade até dos capitalistas, pois, tudo o que se manifesta no operário como atividade de expropriação, de alienação, se manifesta no não-trabalhador como estado de apropriação, de alienação. A mesma concepção aparece em *A Sagrada Família* em que diz:

A classe possuinte e a classe do proletariado representam a mesma auto-alienação humana. Mas, a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa auto-alienação, sabe que a alienação e o *seu próprio poder* e nela possui a *aparência* de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana<sup>16</sup>.

Assim, é a divisão do trabalho que cria a realidade na qual a atividade espiritual e a atividade material, a fruição e o trabalho, a produção e o consumo caibam a indivíduos diversos. Entretanto, o privilégio da atividade espiritual, da fruição, do consumo é apenas aparente e parcialmente positivo porque o poder do capital a tudo subverte. O dinheiro converte a representação em realidade e a realidade em simples representação, como assinalou Marx nos *Manuscritos de 1844*:

Entonces aparece [o dinheiro] también como el poder de *perversión* contra el individuo y contra los vínculos sociales, etc, que pretenden ser *esencias* por sí

-----

15 Mario Alighiero Manacorda. *Marx e a pedagogia moderna*. Tradução Newton Ramos-de-Oliveira. São Paulo, Cortez Editora; Autores Associados, 1991, p. 75.

16 Karl Marx; Friedrich Engels. “A crítica crítica’ na condição de quietude do conhecer ou a ‘crítica crítica’ conforme o senhor Edgar”. In: Karl Marx; Friedrich Engels. *A sagrada família ou a crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes*. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003, p. 48.

solos. Transforma la fidelidad en infidelidad, el amor en odio, el odio en amor, la virtud en vicio, el vicio en virtud, el criado en amo, el amo en criado, el cretinismo en inteligencia, la inteligencia en cretinismo<sup>17</sup>.

Por essa razão, a fruição de que pode dispor a classe possuidora, é uma condição de positividade apenas relativa porque a divisão do trabalho submete todos a seu signo, sem deixar lugar para a omnilateralidade, mas, no máximo, uma multiplicidade de necessidades e prazeres.

Assim, a divisão do trabalho cria unilateralidade e sob o seu signo se reúnem as determinações negativas, assim como sob o signo oposto da omnilateralidade, reúnem-se as perspectivas positivas do ser humano. Todavia, como o estudo de Marx recaiu sobre o modo de produção capitalista, dispomos muito mais de elementos explicativos sobre a unilateralidade do que sobre a omnilateralidade. Dado o caráter não utópico da pesquisa marxiana, faltam ao esboço do homem omnilateral determinações tão precisas como as que vimos em relação ao homem unilateral. Em resumo, como analisou Manacorda, a concepção de omnilateralidade em Marx comporta elementos de disponibilidade, variação e multilateralidade, como também, a posse de capacidades teóricas e práticas<sup>18</sup>. No primeiro caso, a assertiva é plenamente exemplificada na oposição à sociedade dividida, tal como aparece nesta conhecida página de *A Ideologia Alemã*:

Na sociedade comunista, porém, onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de actividade exclusiva, é a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico<sup>19</sup>.

Além dessa hipótese de uma sociedade comunista onde não existam pintores, mas, no máximo, homens que também pintam, a perspectiva da omnilateralidade

-----

17 Carlos Marx. "Terceiro manuscrito". In: Carlos Marx. *Manuscritos de 1844...*, op. cit., p. 168.

18 Mario Alighiero Manacorda. *Marx e a pedagogia moderna*, op. cit., pp. 82-83.

19 Karl Marx; Friedrich Engels. *A ideologia alemã*, op. cit., p. 41.

aparece mais estreitamente unida à vida da fábrica, isto, é, da fábrica moderna mecanizada, na perspectiva da reunificação das estruturas da ciência com as da produção. Avesa ao objetivo exclusivo da formação técnica, a concepção de Marx sobre educação, entretanto, é freqüentemente acusada de basear-se no *homo economicus*, quando, na verdade, não é o marxismo, mas o capitalismo que limita os trabalhadores ao ensino da prática. A concepção de homem em Marx e Engels derruba inteiramente a tese de um ser mutilado, entretanto, os adversários ideológicos dos dois pensadores os acusam de terem se preocupado meramente com a dimensão material da existência humana, ou seja, a dimensão econômica. Para refutar essa tese citaremos apenas um belo excerto do *Terceiro Manuscrito de 1844*, no qual Marx enfatiza a dimensão subjetiva da existência humana para além da alienação:

Se se pressupõe o *homem* como *homem* e sua relação com o mundo uma relação humana, só se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se se quiser gozar da arte deve-se ser um homem artisticamente educado, se se quiser influência sobre outro homem, deve-se ser um homem que atue sobre os outros de modo realmente estimulante e incitante. Cada uma das relações com o homem – e com a natureza – deve ser uma *exteriorização determinada* da vida *individual efetiva* que se responda com o objeto da vontade. Se amas sem desperter amor, isto é, se teu amor, enquanto amor, não produz amor recíproco, se mediante tua *exteriorização de vida* como homem amante não te convertes em *homem amado*, teu amor é impotente, uma desgraça<sup>20</sup>.

Na crítica ao modo de produção capitalista e ao homem dividido, Marx propugnou que o indivíduo não pode desenvolver-se omnilateralmente se não tem uma totalidade de forças produtivas, e uma totalidade de forças produtivas não pode ser dominada senão pela totalidade dos indivíduos livremente associados. “Trata-se na realidade do desenvolvimento original e livre dos indivíduos na sociedade comunista”<sup>21</sup>.

A omnilateralidade é, portanto, a chegada do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumos

- - - - -

20 Karl Marx. “Manuscritos econômico-filosóficos”. In: Karl Marx. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*, op. cit., p. 32.

21 Karl Marx; Friedrich Engels. *A ideologia alemã*, op. cit., pp. 92-93.



e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo, o gozo dos bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho. Se esse ideal ainda não foi realizado, isto não o invalida. A utopia serve, antes de mais nada, para nos fazer lembrar de olhar sempre para o alto.

Ao pensarmos no papel da teoria marxista entre as condições para a reorganização do movimento socialista internacional, concluímos pela sua atualidade no que diz respeito ao método, bem como à concepção de homem e de história, na medida em que foi o marxismo que revelou a essência da ordem burguesa e propôs a plena realização do homem, com o fim da exploração capitalista. Concluímos, também, pela necessidade e importância de renovação da teoria marxista pois vivemos uma história que Marx e Engels não viveram, mas, ao mesmo tempo, não é possível esclarecer os novos problemas da ordem burguesa *sem* o marxismo. Ele pode não ser suficiente, mas é indispensável.